

# Resenha de *Um psicanalista no divã*, J.-D. Nasio (2002)

Ruth Naidin<sup>1</sup>

---

Quer saber como se descobre uma psicose? Ou se um paciente nos 20 poucos está abrindo uma esquizofrenia? Quer ler o poema que um pai escreve à sua filha prestes a perder a virgindade? Leia o livro! Vale a pena!

Aqui vou resumir um pouco das muitas ideias, algumas seminais, que Nasio apresentou na sua entrevista a um jovem aprendiz, em 2002. Agrupei-as em três tópicos principais que denominei “a análise”, “o mal-estar contemporâneo” e “ideias lacanianas”.

## A análise

A psicanálise é um tratamento longo, caro e doloroso. Nasio recomenda que se escolha o analista avaliando o efeito que o primeiro encontro teve sobre si mesmo, levando em conta se o analista soube formular em palavras claras o que se sentia confusamente, ou seja, o sentido profundo da queixa que acabara de ouvir. Que se saia da entrevista com o desejo de voltar e com a esperança de ter encontrado a pessoa por quem se deseje ser acompanhado. Vale aquela sensação de que *o analista me fez bem de cara!*

Nem todo mundo é analisável. O principal requisito para fazer análise é sofrer. Sofrer, queixar-se e se perguntar sobre o próprio sofrimento. Sem isso, dificilmente alguém realmente entrará em análise.

Mas existem outras formas de tratamento. Por exemplo, a psicoterapia é um trabalho de esclarecimento benéfico que permite ao paciente entender a razão das suas repetições e conflitos. Ou seja, ela tem um *approach* racional, mais intelectual do que a análise. A análise visa à modificação através de um reviver na atualidade do tratamento, com a pessoa do analista, das situações e

---

1. Psicanalista. Membro Efetivo com funções específicas do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

cenas e fantasias traumáticas que causaram o sofrimento. Assim ela consegue modificar profundamente a relação do paciente com o seu sofrimento e a sua visão sobre si mesmo.

Análise se faz deitado, o que modifica tanto o ponto de vista do paciente sobre si quanto sobre o mundo, e também porque assim se libera o analista do olhar escrutador do interlocutor. Se o analista tiver que se vigiar o tempo todo, ele ficará indisponível para mergulhar dentro de si. Portanto, *deitar é técnica, não é ritual*.

*O inconsciente do analista é seu mais precioso instrumento de trabalho*, o que significa que o mergulho é indispensável. É através dele que o analista chega a conhecer em si a origem do sofrimento do paciente e pode, só então, lhe revelar.

Psicanalistas são também psicólogos, ou psiquiatras, ou clínicos de outras especialidades ou podem ter vindo de outros horizontes. Mas todos só podem exercer a psicanálise passando por um longo percurso de análise pessoal, tendo estudado longamente os textos fundadores e sido supervisionado durante bastante tempo em seu trabalho com seus pacientes.

## **O mal-estar contemporâneo**

Para Nasio, a perda progressiva das referências que definem a virilidade, a falta de modelos sociais ou ideais com que se identificar, a dificuldade para encontrar o lugar de parceiro, de pai na família, eis aí o mal-estar principal do início do século: a questão da identidade masculina. O homem se encontra desestabilizado. Segundo ele, o homem hoje é um ser desamparado que sente não ter mais nada a oferecer e se acredita indigno de amor. Sua angústia é não conseguir satisfazer a expectativa do outro, seja ele um homem investido de autoridade ou uma mulher. Mas, eis que Nasio nos surpreende dizendo que o que faz uma mulher se sentir mulher são a mão, o carinho, o apoio e o olhar de reconhecimento do seu companheiro.

Nós não sabemos o que será amanhã da espécie humana, como será a relação entre homem e mulher, que laços inéditos eles inventarão para se amar e viver juntos, nem quão viril será o homem e feminina a mulher. Mas Nasio aposta na permanência e durabilidade do amor e dos laços. Tendo atendido casais, ele recomenda certa sujeição sexual entre os parceiros para refrear as tendências polígamas que ameaçariam a relação; a admiração recíproca, por qualquer aspecto do parceiro/a, ingrediente indispensável; o cultivo de hábitos

rotineiros (recomendação tão anti-intuitiva!). Ele diz que os hábitos rotineiros do casal prevalecem sobre as oscilações de humor e que situações problemáticas serão mais facilmente ultrapassadas caso estejam ambos os parceiros ocupados com as tarefas da vida cotidiana.

## Ideias lacanianas

Essa parte da entrevista é bem-vinda para os analistas com pouca intimidade com os conceitos lacanianos, pela forma tão clara e engenhosa de explicá-los. Na sua concepção, todo sujeito é como um doce folheado, camadas sucessivas de cenas empilhadas normais e às vezes patológicas, conectadas entre si por um fio invisível que lhes dá unidade. Assim, um psicótico grave pode conservar regiões saudáveis em seu psiquismo (áreas do folheado), enquanto um indivíduo normal pode ficar, circunstancialmente, localmente perturbado quando sob domínio de uma cena fantasiada patogêna. Todos temos uma porção de loucura que nós mesmos desconhecemos e que pode se manifestar por um comportamento ilógico, rígido, peremptório ou repetitivo, por exemplo.

A forclusão é o mecanismo psíquico que está na origem dos estados psicóticos e que nomeia uma fratura psíquica. Foi proposto por Lacan, mas vem do vocabulário jurídico. Trata-se da rejeição radical do psicótico, com objetivo de não obedecer, de não querer saber e nem sofrer, da violência da agressão. É uma rejeição radical a admitir o trauma e de sentir a sua dor. Essa defesa brutal provoca uma falha no Eu, pois, quando uma pessoa forclui o insustentável, produz-se um branco, um vazio, um aberto mental que desorganiza o sistema psíquico (considere o doce folheado). O psicótico, então, tenta colmatar (preencher) desesperadamente a rachadura aberta com um delírio ou uma alucinação ou até se suicidando para não desmoronar de vez.

O inconsciente não existe a todo instante, ele só aparece em momentos privilegiados. É *acontecimental*: não existe nem antes nem depois, apenas durante o acontecimento. Ele nunca está lá antes. Ele aparece naquele lapso, naquele sonho, naquela manifestação involuntária. É uma centelha que brota em instantes cruciais do diálogo analítico e é coproduzido.

Mas, enquanto as manifestações do inconsciente – como os lapsos, os sonhos etc. – são simbolizáveis, ou seja, exprimíveis em palavras, as formações do gozo são feitas de emoções puras, não simbolizáveis, intraduzíveis em palavras, como, por exemplo, certas passagens ao ato compulsivas, doenças psicossomáticas, toxicomanias etc.

Ruth Naidin

## Referência

Nasio, J.-D. (2002). *Um psicanalista no divã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Recebido: 27/11/2022

Aceito: 04/12/2022

---

**Ruth Naidin**

ruthnaidin@gmail.com